

O DESAPARECER DE SI NA SOCIEDADE MUDIÁTICA NEOLIBERAL

The Disappearance of oneself in the neoliberal media society

La Desaparición de uno mismo en la sociedad mediática neoliberal

Ana Feres¹
Malena Contrera²

DOI: doi.org/10.31501/esf.v2i30.14565

Resumo: Este artigo busca refletir como a sociedade midiática neoliberal apresenta diferentes formas do “desaparecer de si”, um conceito de David Le Breton. Parte-se de uma perspectiva interdisciplinar, com contribuições da Comunicação, Sociologia e Psicologia, para discutir como as formas contemporâneas do “desaparecer de si” passam pelo abandono do corpo e podem sinalizar uma compensação às pressões psíquicas que sofrem os indivíduos da sociedade atravessada pela imagem midiática e a imersão digital.

Palavras-chave: Sociedade Midiática. Neoliberalismo. Imersão Digital. Corpo. Desaparecer de si.

Abstract: This article seeks to reflect on how the neoliberal media society presents different forms of “disappearing from oneself”, a concept by David Le Breton. It starts from an interdisciplinary perspective, with contributions from Communication, Sociology and Psychology, to discuss how contemporary forms of “disappearing from oneself” involve abandoning the body and can signal a compensation for the psychic pressures that individuals suffer in a society crossed by media image and digital immersion.

Keywords: Media Society. Neoliberalism. Digital Immersion. Body. Disappearing from oneself.

Resumen: Este artículo busca reflexionar cómo la sociedad mediática neoliberal presenta diferentes formas de “desaparecer de uno mismo”, concepto de David Le Breton. Se parte de una perspectiva interdisciplinar, con aportes de la Comunicación, Sociología y Psicología, para discutir cómo las formas contemporâneas de “desaparecer de sí mismo” implican el abandono del cuerpo y pueden señalar una compensación por las presiones psíquicas que sufren los individuos de la sociedad atravessada por la imagen mediática y la inmersión digital.

Palabras-clave: Sociedad Mediática. Neoliberalismo. Inmersión Digital. Cuerpo. Desaparecer de uno mismo.

¹ Mestranda, Universidade Paulista, São Paulo - SP, Brasil. analuferes@gmail.com | <https://0009-0009-2553-271X>

² Doutora, Universidade Paulista, São Paulo – SP, Brasil. malenacontrera@uol.com.br | <https://0000-0003-4334-9467>

Introdução

Qual a experiência de viver nos dias atuais? O que as diferentes formas a que assistimos, voluntárias ou não, do “desaparecer de si” ou “branco”, como chama David Le Breton (2018), podem estar nos falando sobre a experiência do existir nos dias atuais? Essa noção de “branco”, Le Breton assim apresenta:

[...] chamarei de branco esse estado de ausência de si mais ou menos pronunciada, esse fato de abdicar de si de um modo ou de outro por causa da dificuldade ou do caráter penoso de ser si mesmo. Em última análise, trata-se de uma vontade de aliviar a pressão. (Le Breton, 2018, p.14)

Considerando que a existência humana ainda não pode ocorrer fora de um espaço e tempo específicos, somos jogados de encontro ao corpo, seus limites e especificidades, condicionadas pela mortalidade e pelas relações desse corpo com os ambientes que ocupa e nos quais circula. No entanto, estar presente na vida cotidiana, sentindo e dando significado às experiências vividas já não é mais suficiente para se viver. É preciso brilhar, é preciso ser alguém no mundo, fazer a diferença, ser reconhecido... nas palavras de Le Breton (2018): “Já não basta nascer ou crescer, é preciso construir-se permanentemente, manter-se mobilizado, dar sentido à vida... A tarefa da individuação³ é árdua.” (p.10).

As exigências do viver no mundo contemporâneo podem estar nos levando a, cada vez mais, encontrar formas de “fugir” de nós mesmos, da “árdua tarefa da individuação”? Aparentemente sim e

³ Entendemos por individuação o caminho proposto por Jung, de integrar as partes dissociadas da psique para se tornar o si-mesmo que se é. Construir um Ego estruturante que possa se relacionar com os conteúdos que emergem do inconsciente de forma contínua, equilibrando opostos e integrando as diferentes partes de si para se relacionar com o mundo a partir dessa constante integração. “Uso o termo “individuação” no sentido do processo que gera um “*individuum*” psicológico, ou seja, uma unidade indivisível, um todo.” (JUNG, 2021, §489). “O si-mesmo, como conceito empírico, designa o âmbito total de todos os fenômenos psíquicos no homem. Expressa a unidade e totalidade da personalidade global” (JUNG, 2009, § 902).

investigar essa relação é o objeto deste artigo, considerando o contexto da sociedade⁴ midiática neoliberal na qual esse processo se dá contemporaneamente.

Para isso, além da obra de Le Breton, este trabalho busca percorrer as ideias de Malena Contrera (2017) e o conceito de Mediosfera e entender a base ideológica do neoliberalismo a partir de autores como Pierre Dardot e Christian Laval (2016) e Vladimir Safatle (2022). Considera-se ainda o processo de enantiodromia, apresentado por Jung (2013) para explicar o funcionamento da psique entre opostos conscientes e inconscientes, que se opõem e sustentam ao mesmo tempo; e o princípio dialógico de Edgar Morin (2005), que diz que toda ideia tem em si seu contrário.

Nesse mundo no qual é preciso ser alguém, conectar-se com cada vez mais pessoas em rede, e estar sempre alerta para as últimas novidades, informações e mudanças no mundo do trabalho e na vida cotidiana, concomitantemente ao processo de estarmos cada vez mais imersos nas redes digitais e menos concentrados em ocupar o espaço-tempo do nosso corpo, parece crescer a sensação de que estamos sempre precisando de férias, de descanso, de “desaparecer” por um tempo. A sociedade do cansaço (Han, 2015) se efetivaria por meio de estratégias midiáticas anestéticas/anestésicas utilizadas pela ideologia capitalista neoliberal?

A sociedade midiática neoliberal

O indivíduo da sociedade contemporânea ocidental, capitalista neoliberal, é também o da sociedade midiática. Tecnologia, mídia e capitalismo são pilares constituintes da sociedade em que

⁴ Quando usamos o termo ‘sociedade’ ao longo deste artigo, estamos nos referindo às sociedades urbanas contemporâneas, sobretudo ocidentais.

vivemos, mas pilares entrelaçados e inseparáveis, como já apontado pela teoria crítica da Cibercultura (Trivinho, 2007).

Morin (1997) nos ensina como a cultura de massas, que pode ser considerada o berço no qual a mídia eletrônica foi criada e se desenvolveu, foi constituída na esteira do processo de industrialização, como forma de servir ao capitalismo, e seguiu paralelamente, em suas diferentes fases, desde o início do século XX até hoje.

Enquanto a sociedade (capitalista) midiática tenta nos vender a ideia de que estimula e respeita nossa individualidade, nos oferecendo cada vez mais escolhas de produtos “customizados”, está, ao contrário, tirando-nos a possibilidade de diferenciação ao nos programar mentalmente para a sucessão infinita de imagens (Carr, 2011), que nos toma por completo e molda nosso espírito para processos compulsivos de consumo. Nas palavras de Contrera:

É importante considerar ainda que a sociedade da emissão é a outra face da sociedade de consumo, em um processo no qual já não sabemos até que ponto a histeria da emissão provoca o consumo compulsivo e as práticas de adição, ou se são essas últimas que ampliam o vazio sobre o qual ecoam desenfreadamente as emissões. A Mediosfera é caracterizada por uma geração de conteúdos a partir desse processo centrado na produção do máximo de emissão, e do mínimo de sentido. (Contrera, 2017, p.71)

A produção e consumo ininterruptos de imagens na sociedade midiática organiza uma nova relação do homem com o mundo e seu entorno relacional. “Imagem é tudo, sede não é nada” era o slogan da propaganda de um refrigerante nos anos 1990. Esse slogan evidencia o processo de apagamento do sentir, advindo do apagamento dos sentidos, como veremos adiante; e representa uma alteração na relação do homem com o mundo, própria da sociedade digital, pois, “introduz rupturas

simbólicas inéditas cuja natureza antropológica é colocada em questão em sua capacidade de estabelecer ligação e dar sentido e gosto de viver na escala do indivíduo, mas também na da sociedade em seu conjunto”, como assinala Le Breton (2003, p.13).

Não é possível desassociar o desenvolvimento da sociedade midiática e o crescimento da ideologia neoliberal. E esta se desenvolveu na esteira da globalização, na chamada terceira fase do capitalismo, a partir da década de 1970 e adiante, que gerou e foi viabilizada pela grande mobilidade de recursos, informações e trabalhadores. Neste contexto, tecnologia e mídia são partes essenciais e consequências ao mesmo tempo, num sistema que se retroalimenta.

Nas palavras de Muniz Sodré, ao refletir sobre o “*ethos* mediatizado” e como a “mídia (meios e hipermeios) implica uma nova qualificação da vida, um *bios* virtual” (Sodré, 2002, p.11):

As novas tecnologias apoiam e coincidem, em termos econômicos, com a extraordinária aceleração da expansão do capital (o “turbocapitalismo”) esse processo tendencial de transnacionalização do sistema produtivo e de atualização do velho liberalismo de Adam Smith a que se vem chamando de globalização Global mesmo é a medida da velocidade de deslocamento de capitais e informações tornados possíveis pelas teletecnologias – globalização é, portanto, um outro nome para a “teledistribuição” mundial de pessoas e coisas. (Sodré, 2002, p.11-12)

E poderíamos afirmar, seguindo Sodré, reduzindo pessoas a coisas. É preciso compreender como as condições trazidas pelas políticas econômicas neoliberais fizeram e fazem muito mais para moldar a sociedade contemporânea (midiática) do que apenas políticas financeiras. O que se explicita na famosa frase de Margaret Thatcher, ex-primeira-ministra do Reino Unido e ícone do neoliberalismo

mundial, ao lado de Ronald Reagan nos EUA e o General Pinochet no Chile, falando sobre as políticas neoliberais: “A economia é o método. O objetivo é mudar o coração e a alma”⁵.

E nenhum método de “mudança da alma” triunfa mais do que aquele que intervém nos corpos, nas vivências concretas, na consciência da existência a partir de um corpo espaço-temporalmente situado, nas contingências da carne; esse universo da concretude do corpo que o cristianismo cartesiano nos convenceu de que impede a alma de se salvar.

O objetivo sempre foi o de moldar o indivíduo, extrapolando os conceitos econômicos e empresariais para a vida social, familiar e comunitária de cada um, para a relação mesma com sua percepção de si, sua concepção de existência, reduzindo a vida a um processo “utilitário, eficaz e vitorioso” em todas as relações e esferas da vida.

Especialista em si mesmo, empregador de si mesmo, inventor de si mesmo, empreendedor de si mesmo: a racionalidade neoliberal impele o eu a agir sobre si mesmo para fortalecer-se e, assim, sobreviver na competição. Todas as suas atividades devem assemelhar-se a uma produção, a um investimento, a um cálculo de custos. A economia torna-se uma disciplina pessoal. (Dardot & Laval, 2016, p.331)

Já em Foucault (2017) vemos desnudadas inúmeras estratégias desses métodos. E se “a economia é o método”, a mídia eletrônica, as tecnologias digitais e as redes sociais, podem ser consideradas o instrumento para se atingir o objetivo de “mudar a alma” dos indivíduos.

O indivíduo da sociedade midiática neoliberal na qual estamos inseridos produz incessantemente, e é atravessado por uma cultura de individualismo, concorrência na luta por poder e

⁵ Entrevista concedida ao jornal “The Sunday Times”, em 03/05/1981, por ocasião do término do segundo ano de mandato à frente da Inglaterra, avaliando a implementação das políticas neoliberais que mudaram radicalmente a gestão econômica do país na época. Ver <https://www.margaretthatcher.org/document/104475>. Acesso em 25/08/23

dinheiro, além do consumo e das operações de visibilidade que se impõem como fundamentais para a confirmação da existência; a extimidade e a hipervisibilidade (Vaz, 2015; Dal Bello, 2013) ditam a maioria de nossas “escolhas” há pelo menos quatro décadas. O uso da mídia de massa no século XX e a onipresença (Miklos, 2012) das redes digitais nas últimas décadas pautaram os padrões que devem ser atingidos para “ser alguém” no mundo.

Assim, a forma de viver no mundo contemporâneo midiático neoliberal se torna um reforço cotidiano à nossa dimensão adaptativa, moldando processos psíquicos que definem nossa identidade e nossas formas de estar no mundo, afetando, nos termos de Jung, o Ego e suas Personas, como veremos mais detalhadamente a seguir.

O peso de corresponder às expectativas, ter voz, sustentar uma imagem de nós mesmos, coloca a todos num modo obrigatoriamente extrovertido e falsamente heroico, gerando uma unilateralidade que desequilibrará a dinâmica de movimento da energia psíquica, que precisará ser equilibrada de alguma forma, voluntária ou não; o que talvez explique o fato de a sociedade do triunfo neoliberal ser também a sociedade das adições (álcool, drogas em geral) e da medicalização indiscriminada (altos índices de consumo de antidepressivos e ansiolíticos).

“Não é mero acaso que a ascensão do neoliberalismo nos anos 1970 tenha sido acompanhado pela reformulação brutal da gramática do sofrimento psíquico” como nos mostram Safatle, Silva e Dunker (2022, p.10).

Jung e Morin: a enantiodromia e o princípio dialógico

Para Jung, o Ego é o centro da consciência, aquele eu que se apresenta ao mundo, através das diferentes imagens de si, os personagens que melhor se adaptam aos diferentes ambientes afetivos, sociais, profissionais etc., nossas Personas. O Ego tem diversas funções, dentre as quais promover a adaptação do indivíduo às exigências da vida, fazer diferenciação de conteúdos conscientes e inconscientes, mediar prazer e realidade. Como centro da consciência, ele organiza os conteúdos da vida psíquica, avalia, critica e raciocina em busca de soluções para os problemas que a pessoa enfrenta. A partir do Ego cada um forma uma concepção de si, aquele eu consciente com o qual muitas vezes nos identificamos, a partir do qual nos descrevemos.

Uma consideração importante sobre a consciência é que não pode haver elemento consciente que não tenha o ego como ponto de referência. Assim, o que não se relacionar com o ego não atingirá a consciência. A partir desse dado, podemos definir a consciência como a relação dos fatos psíquicos com o ego. (Jung, 2001a, §18)

A consciência do Ego tem uma importante característica de seletividade, o que equivale a dizer que certos conteúdos tornam-se conscientes e outros não. Esses conteúdos eliminados da consciência ficam reprimidos ou em potência não realizada pelo Ego e compõem parte do que conhecemos como inconsciente pessoal ou Sombra.

Para a Psicologia Analítica o inconsciente se comporta de modo compensatório ou complementar em relação à consciência, e vice-versa; consciente e inconsciente funcionam como um *continuum* de experiências entre opostos que se sustentam e compensam. E essa tensão entre opostos é a base da dinâmica psíquica para Jung. Nas palavras dele:

O velho Heráclito, que era realmente um grande sábio, descobriu a mais fantástica de todas as leis da psicologia: a função reguladora dos contrários. Deu-lhe o nome de enantiodromia (correr em direção contrária), advertindo que um dia tudo se reverte em seu contrário. (Jung, 2001b, §111)

Por isso, quando vivemos numa sociedade que reforça os mecanismos automatizados da psique, privilegiando a unilateralidade adaptativa do Ego, as partes negligenciadas podem tomar o indivíduo de impulso num sentido contrário. Se é imperativo ser visto, ser famoso, ser alguém para ter um lugar, o “desaparecer de si” surge como uma força também imperativa. Se não posso ser tudo, não serei nada. Nas palavras de Jung, “Todo extremo psicológico contém secretamente o seu oposto ou está de alguma forma em estreita relação com ele.” (Jung, 1995, § 581).

Edgar Morin, no paradigma da complexidade, trata do princípio dialógico, para quem toda ideia tem em si seu contrário, e podemos ver um paralelo com a ideia de Jung sobre a dinâmica psíquica, com base no conceito de enantiodromia de Heráclito, pois “o princípio dialógico nos permite manter a dualidade no seio da unidade. Ele associa dois termos ao mesmo tempo complementares e antagônicos.” (Morin, 2005, p.73-74)

O que em Morin é dualidade organizacional, em Jung é oscilação de movimento, muito embora Jung também tenha tratado sobre o que ele considerou a “dissociabilidade básica da psique” (Jung, 2013) geradora de constantes pares de opostos. Essa dualidade vai se desdobrando, a psique vai se complexificando, na visão de Jung, até chegarmos à noção de uma unidade organizacional (o si-mesmo), que contém em si todos os nossos aspectos que precisam ser integrados e manifestados por um Ego flexível e capaz de constantes reorganizações (Jung, 2009).

E nesse processo, que Jung chamou de processo de individuação, o indivíduo passará necessariamente por muitos momentos voluntários de interiorização e “desaparecimento de si”, para que possa haver transformações do Ego e suas personas a partir da integração dos conteúdos inconscientes, na busca pelo “si-mesmo” que se é.

Uma imagem pública e personalidade social de sucesso, triunfante e vitoriosa torna-se impossível para quem busca o processo de individuação, que necessariamente trará derrotas para o próprio ideal de Ego. Assim, experiências como as que Le Breton (2018) chama de “felizes ou benfazejas” de “desaparecer de si”, são essenciais para que a psique do indivíduo possa adentrar outras camadas de si, para além de um Ego rígido, que se crê inabalável.

Mas ao contrário, quando vivemos privilegiando em nós o Ego rígido e unilateralizado pelas demandas de adaptação, sobrevivência e performance exigidas pelo modo de viver da sociedade midiática neoliberal, e assim vivendo uma dinâmica de forças psíquicas opostas em alta tensão, podemos ser tomados de maneira abrupta e involuntária pelo desejo de “desaparecer de si” de uma forma que podemos considerar ameaçadora para a integridade da psique e nada saudável para o indivíduo.

A seguir apresentamos diferentes manifestações do que Le Breton (2018) chama de tentação contemporânea do “desaparecer de si”: sejam elas benéficas e voluntárias, como resultado de introspecção consciente para o necessário processo de reorganização do Ego resiliente e a busca pelo “si-mesmo”; ou sejam manifestações resultantes de processos autodestrutivos da psique que busca compensar a exaustão provocada pela vida hiperconectada e que vê recair sobre si todo o ônus e responsabilidade de êxito da sociedade midiática neoliberal.

Não iremos nos ater exclusivamente às categorias de análise apresentadas por Le Breton, uma vez que o autor afirma, acerca da eleição de categorias realizada por ele na edição do referido livro, que “... limitei-me aqui a um punhado de histórias exemplares de desaparecimento de si, mas a enumeração poderia ser bem mais longa. Essas existências que vivem no limite mostram a dimensão antropológica do desaparecimento de si.” (Le Breton, 2018, p.49).

Diferentes formas do desaparecer de si

Podemos lidar de maneira consciente e voluntária com essa necessidade de, de tempos em tempos, dar um tempo na nossa rotina, no peso das responsabilidades do viver e aproveitar o tempo mais expandido por menos compromissos e atividades, para interiorizar, relaxar, estarmos presentes em nossos corpos e sensações, e nos esquecermos do imperativo egóico de afirmar-se todo o tempo, adentrando outras camadas do nosso ser.

A escrita, a leitura, de maneira geral a criação, a caminhada, a viagem, a meditação etc. [...] São lugares onde ninguém precisa mais prestar contas a ninguém, espaços de suspensão feliz e benfeitoria de si, um desvio que leva a si após algumas horas ou dias, ou mais. Trata-se de meios de encontrar a própria vitalidade, a própria interioridade, o próprio prazer de viver. (Le Breton, 2018, p. 209)

Le Breton (2018) fala do hábito de caminhar cotidianamente, parte da vida de cada vez mais pessoas, como uma forma anônima e feliz do “desaparecer de si”. Como se naquele tempo em que estamos caminhando pela rua, sem destino conhecido, sem propósito maior, sem identidade e interação social, pudéssemos nos esquecer de quem somos, de todas as nossas obrigações sociais,

nossa identidade. Podemos ser apenas um caminhante, “sem lenço e sem documento” e apreciar a experiência de viver, em contato com nosso corpo e sensações.

O número de caminhantes (ou peregrinos) – como são chamados os que peregrinam pelos caminhos como os de Santiago de Compostela, na Espanha, por exemplo – eram cada dia maiores antes da pandemia do coronavírus e parecem já estar retomando seu crescimento no pós-pandemia. Segundo dados da Oficina del Peregrino⁶, entre 2016 e 2019 o número de pessoas que fizeram o caminho de Santiago de Compostela cresceu mais de 25%, chegando ao recorde de 350 mil peregrinos em 2019.

Encontramos inúmeros relatos de peregrinos que citam o silêncio (Fernandes et al., 2020), o não ser ninguém, a possibilidade de entrar em contato com outras camadas mais profundas de si, como sendo suas melhores impressões do caminho. Esses mesmos relatos nos dizem que essa possibilidade de adentrar outras camadas de si mesmo, esquecer-se da imagem de quem são, parece ser a grande responsável pelas transformações que notam em si mesmos na vida ‘pós-Caminho’: “Você vai andando, e ao mesmo tempo vai clareando vários fatores internamente” ou “O Caminho de Santiago de Compostela é fisicamente simbólico, a caminhada é ‘pra dentro’ e não termina enquanto não buscarmos por transformações”⁷

O caminhar também é objeto de atenção de J. Hillman, que sobre ele afirma que “andar também me põe em contato com minha natureza animal” (Hillman, 1993, p.54). Caminhar nos coloca em conexão com o corpo e nos alinha aos ritmos da vida.

⁶ <https://oficinadelperegrino.com/> Acesso em 26 de nov. 2022

⁷ <https://viagemgastronomia.cnnbrasil.com.br/tipos-de-viagem/turismo-historico/historias-caminhos-de-santiago/#:~:text=Foi%20realmente%20fant%C3%A1stico%20e%20bastante,parecia%20muito%2C%20demais%20pra%20mim.> Acesso em 04 de dez. 2022

Isso nos leva a pensar: eu caminho para desaparecer de mim ou para desaparecer de uma versão ‘triunfante’ de mim que tem me mantido distante de quem eu realmente sou, me inviabilizando as conexões com as forças vitais da natureza que reverberam em meu próprio corpo?

Adentrar o mundo interior como forma voluntária e consciente, estar conectado com o corpo dos sentidos. Práticas muito valorizadas na cultura oriental, a meditação e o yoga, são praticadas por cada vez mais pessoas também no Ocidente, como forma voluntária de aquietar a própria mente ansiosa, esquecer-se de si por algum tempo e apenas estar ali no momento presente, sentindo o que o momento traz, sem o julgamento ou a necessidade de representar algum papel ou atingir alguma meta.

São muitos métodos diferentes, mas todos buscando o objetivo de adentrar outras camadas de si, que não aquela personalidade conhecida e reconhecida no meio social pela mente consciente. Só quem já praticou por longos períodos e conseguiu acessar estados de quietude interna indiscutíveis sabe o que significa para a vida cotidiana essas práticas de “desaparecer de si” na meditação.

O sono é a nossa forma natural de “desaparecer” de nosso eu consciente, Ego, para adentrar o mundo do não-eu, do inconsciente, dos sonhos, das “imagens endógenas” (Balestrini & Contrera, 2022). Largar o controle de si. Trazer novos conteúdos, não racionais, que nos permitam ampliar a percepção de nós mesmos. E deixar as imagens endógenas fazerem seu papel integrador, reorganizador.

Mesmo esse processo natural do dormir, tão importante para a saúde da nossa psique já não transcorre de forma tranquila para muitos no contexto da sociedade midiática. Quantos de nós adormecem sem estar conectados a alguma tela, seja vendo um filme ou série, seja navegando numa rede social, até que “apaguemos”? O processo do dormir, lentamente, ficando quieto e em silêncio

para, aos poucos, ir mergulhando voluntariamente no escuro do inconsciente, parece ser muito pouco familiar para a maioria de nós hoje em dia.

E se não praticamos essas formas voluntárias e criativas do “desaparecer de si” por um tempo, acolhendo na consciência os conteúdos inconscientes que emergem, podemos ser impelidos a esse movimento do “desaparecer de si” radical e não necessariamente desejável, por um transbordamento de conteúdos compulsivamente represados.

Na tentativa de corresponder a todas as expectativas do que é ser alguém “que deu certo na vida” na sociedade midiática neoliberal, vamos desejando a não-existência. E quando a irrupção desses conteúdos sombrios da psique, que não estão sendo levados em consideração na vida consciente, nos tomam de impulso, eles podem radicalizar esse processo de desconexão de si mesmo: desconexão do corpo, das sensações, do sentido da existência e de uma existência que faça qualquer sentido.

A Síndrome da Resignação é um exemplo extremo; uma síndrome que atinge crianças refugiadas em diferentes países do mundo, mas sobretudo na Suécia. O primeiro caso apareceu por volta de 2003 e já são mais de 200 casos diagnosticados no mundo⁸.

A Síndrome aparece a partir de um quadro de situação traumática e de incerteza sobre o futuro – são famílias que buscaram refúgio por estarem ameaçadas de morte em seus países de origem e/ou depois de terem sofrido episódios de extrema violência como estupros e torturas. As famílias enfrentam inseguranças profundas nos pedidos de asilo, em processos longos e incertos.

⁸ Segundo documentário da Netflix “A Vida em Mim”, de 2019. Veja o trailer em <https://www.youtube.com/watch?v=UY-8G-EY2Ck>. Acesso em 14 de mar. 2023

Inicialmente as crianças param de se comunicar, depois param de comer e ficam apenas deitadas em suas camas, para em seguida cair num sono profundo. Não há nenhuma doença associada, apenas um estado de inconsciência total; as crianças simplesmente entram em estado de sono e assim permanecem por meses e até anos, “desaparecem de si” e do mundo.

Pesquisadores – psicólogos, psiquiatras e pediatras – não conseguem respostas sobre as causas exatas da Síndrome da Resignação, assim como não conseguem ainda avaliar porque os casos são muito mais frequentes na Suécia do que em outros países – uma hipótese é que os processos de residência e cidadania sejam mais rigorosos ali, além do clima extremo.

O acompanhamento dos casos mostra que o início se dá a partir de um evento traumático e um sentimento de incerteza em relação à situação da família e ao futuro, à falta de um “lugar no mundo”; e melhoras começam a ocorrer tão logo a família se sente em uma situação de maior segurança e estabilidade. Ou seja, quando as crianças sentem sinais de maior estabilidade e confiança na vida, presente e futura, é como se elas pudessem “reaparecer” em seus corpos e seus mundos.

Por fim, e talvez a mais comum expressão do “desaparecer de si” na sociedade midiática neoliberal, seja a imersão digital - a que atinge o maior número de pessoas no mundo, em diferentes graus, e que tem trazido impactos mais sombrios sobre nós, como indivíduos e sociedade.

Segundo dados do relatório do Datareportal, *Digital 2024 Global Overview Report*⁹, o percentual de aumento de dispositivos de conexão e de hábito de uso de redes sociais ultrapassa o percentual de aumento populacional. Segundo o relatório, enquanto a população mundial cresceu 0,9% no último ano, o número de pessoas que possuem um celular cresceu 2,5%, o número de pessoas conectadas à

⁹ <https://datareportal.com/reports/digital-2024-global-overview-report> . Acesso em 24 de jul. 24

internet cresceu 1,8%, o dobro do crescimento populacional, e a quantidade de usuários em rede social cresceu 5,6% no mesmo período.

O relatório revela ainda que a média de horas diárias de conexão é de 6h40, significando um total de 2 trilhões de minutos gastos on-line todos os dias pela população mundial; que um típico usuário de internet gasta, aproximadamente, 40% de sua vida acordada conectado à internet; e que quanto mais jovem for o público analisado, maior é esse número, chegando à média diária de 7h32 conectadas quando consideradas apenas mulheres com idade entre 16 e 24 anos.

O que todo esse tempo conectado, imersos no mundo digital pode estar falando sobre a nossa existência? Segundo Baitello (2012):

Temos um tipo de existência quando nos comunicamos presencialmente corpo a corpo, temos outro tipo de existência quando passamos nossa vida trocando mensagens escritas sobre suportes opacos e, por fim, existimos de uma terceira maneira quando nos colocamos diante de aparelhos que recebem sinais transmitidos por outros aparelhos, como telefone, rádio, televisão, internet, tablets etc. (Baitello, 2012, p.61)

A imersão digital em que vivemos nos deixa completamente tomados pelo fluxo ininterrupto de imagens tecnologicamente construídas, que nos envolvem e promovem uma espécie de efeito hipnótico, quando a percepção de tempo e espaço fica em suspenso. Assim como a percepção do corpo - dimensão da existência que nos dá a percepção do tempo e espaço e que nos permite estar presente nas emoções promovidas pelas experiências da vida - fica também comprometida enquanto estamos “suspensos” no mundo virtual.

Essa existência “sem corpo”, típica da sociedade midiática, talvez seja a mais dramática expressão do “desaparecer de si” na contemporaneidade. Estamos todos mergulhados em nossos

computadores, celulares e tablets; vivendo a vida paralela do mundo virtual em detrimento da vida experienciada no corpo, nas experiências vivas da existência. “Mas o homem virtual é um homem abstrato a quem ainda falta a existência.” (Le Breton, 2003, p.25).

Nas palavras de Jung, “E da mesma forma que a matéria corporal, que está pronta para a vida, precisa da psique para se tornar capaz de viver, assim também a psique pressupõe o corpo para que suas imagens possam viver.” (Jung, 2013 p.281).

E esse corpo dos sentidos, expulso da vida cotidiana, pode estar se mostrando de forma cada vez mais sombria na sociedade midiática neoliberal, através do sofrimento emocional.

Conclusão

Neste artigo procurou-se discutir como o indivíduo da sociedade midiática neoliberal existe em um ambiente onde as dimensões das personas sociais e profissionais são privilegiadas quase todo o tempo, com o objetivo de se alcançar as metas importantes para que a existência “valha a pena”.

Com isso, a necessidade de compensação, inerente à dinâmica psíquica, dessa psique que vive na unilateralidade da personalidade, privilegiando a adaptabilidade, a produtividade e a performance, pode estar se apresentando ao homem contemporâneo como a tentação de “desaparecer de si”.

Uma forma de viver que não privilegia o que de fato preserva a vida: não temos tempo para nos alimentar bem, dormir bem, cuidar com prazer do corpo, estarmos em contato com a natureza, sociabilizarmos, contemplarmos a vida. Fazemos o mínimo que nos garanta a sobrevivência já que

estamos muito ocupados buscando dar conta de todas as exigências do sucesso - o que quer isso seja – e do imperativo da visibilidade de se viver na contemporaneidade.

A insegurança da existência no mundo capitalista neoliberal, onde não temos mais certezas quanto ao futuro – se nossos empregos existirão amanhã, se teremos alguma seguridade social ao envelhecer, se nossos filhos terão qualquer possibilidade de sonhar e/ou construir uma vida para si etc. – nos deixa num estado permanente de alerta e ansiedade com relação ao amanhã, e reforça a busca pela adaptação e performance, como meio de nos levar ao “sucesso”, que, por sua vez, “garantirá” a estabilidade perdida.

Talvez seja o mesmo tipo de “trauma” que sofrem os refugiados de forma contundente, desencadeando a Síndrome da Resignação, mas que todos os indivíduos sofrem cotidianamente em “doses menores”, vivendo na sociedade da incerteza do capitalismo neoliberal e anestesiados pela imersão digital. Se não posso sonhar o futuro e desfrutar do presente, o que resta?

Chama a atenção que a Síndrome da Resignação que acomete as crianças refugiadas que sentem a imensa angústia da incerteza quanto ao futuro, comece a melhorar quando os pais recobram a confiança na vida à medida em que as situações de visto, residência, moradia e emprego começam a dar sinais de estabilidade. Nessas crianças, torna-se claro que ter um lugar no mundo e poder contar com uma rede afetiva de apoio continuam sendo condições básicas para o desejo de existir.

A existência exige um estado de presença e de confiança mínima na vida que permita a introspeção; a contemplação que nos permita ter acesso às partes desconhecidas de nós e que, uma vez integradas, nos dão a possibilidade de uma vida mais inteira, mais conectada verdadeiramente com o corpo, o sentir e as emoções que dão sentido à existência. Novamente a questão do sentido se

impõe aqui como central. Somos *homo symbolicus*, e é preciso reconhecer que a construção dos sentidos que atravessam e tornam possível a nossa existência acontece por meio dos sentidos (*aisthesis*) de estar no mundo, e que esses se dão a partir de uma propriocepção corporal mínima.

Esse desinvestimento erótico no próprio corpo, amortecido, anestesiado frente aos aparelhos de comunicação eletrônicos, como se os corpos se tornassem lentamente apêndices destes, leva-nos a um estado de profunda desvitalidade, que, somada aos imperativos de hiper performance do nosso tempo, tornam o viver uma maratona vazia de sentido, frente a qual o desejo de “desaparecer de si” figura como uma saída atraente e reconfortante.

O desafio da espécie que na sociedade atual se apresenta aponta para a necessidade de repensarmos essas relações de valor e de forças, nas quais os nossos corpos são cada vez mais convidados a desaparecerem e se transformarem em imagens. Estamos gerando uma sociedade fantasmagórica, com corpos desvitalizados e hipermedicados de um lado, e corpos reduzidos a suas couraças musculares feitas para gerar imagens midiáticas, de outro lado. O corpo vivo que é minha existência, que abriga minha mais radical subjetividade está anestesiado, tirado de cena, reduzido a um incômodo, a ser um sintoma de uma época na qual aparentemente a espécie humana caminha a passos largos para um “desaparecer de si” radical.

Referências

Baitello, N., Jr. (2012). *O Pensamento Sentado*. Unisinos.

Balestrini, J. L., Jr. & Contrera, M. S. (2022). Desequilíbrio ecológico das imagens: A importância das imagens oníricas para os processos de resiliência. *Revista Eco-Pós* 25(1), 459-481
<https://doi.org/10.29146/ecops.v25i1.27739>

- Bello, C. D. (2013). *Subjetividade e tele-existência na era da comunicação virtual: O hiperespetáculo da dissolução do sujeito nas redes sociais de relacionamento*. [Tese de Doutorado não publicada]. PUC/SP.
- Carr, N. (2011). *A geração superficial: O que a internet está fazendo com os nossos cérebros*. Agir.
- Contrera, M. S. (2017). *Mediosfera: Meios, imaginários e desencantamento do mundo*. (2ªed.) Imaginalis.
- Dardot, P., & Laval, C. (2016). *A Nova Razão do Mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Boitempo,
- Fernandes, V., Marconi, E., Carvalho, L., Capra Filho, L.A., & Mombach, M. H. B. (2020). *Buen Camino: Vasculhando a mochila de cinco peregrinos*. Ebook.
- Foucault, M. (2017). *A Microfísica do poder*. (5ªed.) Paz e Terra.
- Han, B. C. (2015). *Sociedade do cansaço*. Vozes.
- Hillman, J. (1993). *Cidade e alma*. Nobel.
- Jung, C.G. (1995). *Símbolos da transformação*. (3ª ed.). Vozes.
- Jung, C.G. (2001a). *Fundamentos da psicologia analítica*. (10ª ed.). Vozes.
- Jung, C.G. (2001b). *Psicologia do Inconsciente*. (13ª ed.). Vozes.
- Jung, C.G. (2009). *Tipos Psicológicos*. (3ª ed.). Vozes.
- Jung, C.G. (2013). *A natureza da psique*. (10ª ed.). Vozes.
- Jung, C.G. (2021). *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. (11ª ed.). Vozes.
- Le Breton, D. (2003). *Adeus ao Corpo*. Papirus.
- Le Breton, D. (2018). *Desaparecer de si: Uma tentação contemporânea*. Vozes.
- Miklos, J. (2012). *Ciber-religião: A construção de vínculos religiosos na cibercultura*. Ideias & Letras.
- Morin, E. (1997). *Cultura de Massas no Século XX*. Forense-Universitária.
- Morin, E. (2005). *Introdução ao pensamento complexo*. (5ª ed.). Sulina.
- Netflix. (2019). *A vida em mim*. Documentário.
- Safatle, V., Da Silva, N., Jr. & Dunker, C. (2022). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Autêntica.
- Sodré, M. (2002). *Antropológica do Espelho: Uma teoria da comunicação linear e em rede*. Vozes.
- Trivinho, E. (2007). *A dromocracia cibercultural: Lógica da vida humana na civilização mediática avançada*. Paulus.

Vaz, M. de M. O. (2015). *Extimidade e o imperativo da visibilidade mediática na cibercultura*. [Dissertação de Mestrado não publicado]. Universidade Paulista.